

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR NA PERSPECTIVA DOS ALUNOS

ASSESSMENT OF SCHOOL LEARNING FROM THE PERSPECTIVE OF THE STUDENTS

Lucy Aparecida Gutiérrez de Alcântara¹

Marli Teresinha Quartieri²

Susana Paula Graça Carreira³

Nélia Maria Pontes Amado⁴

Maria Madalena Dullius⁵

Resumo

O presente estudo buscou aprofundar os conhecimentos sobre avaliação da aprendizagem e conhecer as percepções dos alunos sobre este processo. Procurou-se identificar e analisar as possíveis relações entre as práticas de avaliação e os seus efeitos na vida escolar dos alunos, e também refletir sobre os diversos instrumentos avaliativos que possibilitam efetividade nos processos de ensino e de aprendizagem. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um questionário impresso com a pergunta: “Quando ouve falar de avaliação, qual a primeira ideia que te vem á cabeça?”. Foram abordados alunos de três turmas da mesma série de diferentes Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio, nas aulas de Matemática. As respostas dos alunos demonstraram uma variedade de sentimentos/posturas e possibilitou a análise dos dados por meio da criação de seis categorias: Sentimentos; Preocupação com a recuperação; Dificuldade em calcular; Cobrança dos pais; Esquecimento e distração; Avaliação da aprendizagem.

Palavras-chave: Avaliação. Aluno. Sentimento. Aprendizagem.

¹ A autora é mestre em Ensino pela UNIVATES (2015). Atualmente é professora do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – IFMT, Campus de Primavera do Leste. E-mail: lucy.alcantara@pdl.ifmt.edu.br.

² A autora é doutora em Educação pela Universidade Vale do Rio dos Sinos - RS. Atualmente é professora do Centro Universitário UNIVATES, atuando nos cursos de graduação e de Pós-graduação (Mestrado em Ensino de Ciências Exatas e Mestrado em Ensino). E-mail: mtquartieri@univates.br.

³ A autora é doutora em Educação pela Universidade de Lisboa (1999). Atualmente é professora da Universidade do Algarve, Portugal. E-mail: spcarreira@hotmail.com.

⁴ A autora é doutora em Matemática. Atualmente é professora da Universidade do Algarve, Portugal. E-mail: nmpamado@hotmail.com.

⁵ A autora é doutora em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade de Burgos-Espanha (2009). Atualmente é professora Titular do Centro Universitário UNIVATES, atuando no Mestrado em Ensino de Ciências Exatas (PPGECE) e no Mestrado em Ensino (PPGEnsino). E-mail: madalena@univates.br.

Abstract

This study aimed to deepen the knowledge about assessment of learning and knowing the perceptions of students about this process. It searched to identify and examine possible relationships between assessment practices and its impact on school life of students, and also reflect on the various assessment tools that enable effectiveness in teaching and learning processes. As data collection instrument a printed questionnaire was used with the question: "When you hear the assessment, which the first idea that comes to your mind?". Were addressed students from three classes of the same number of different courses Integrated Technical to High School, in Math. As classes student responses showed a variety of feelings / attitudes and enabled the analysis of data through the creation of six categories: Feelings; Concern for recovery; Difficulty in calculating; Collection of parents; Forgetfulness and distraction; Learning assessment.

Keywords: Assessment. Student. Feeling. Learning.

INTRODUÇÃO

Quando o professor fala em avaliação muitos alunos ficam apreensivos quanto ao que vai ser cobrado, pois esse momento para eles é tenso e de pressão. A avaliação deveria ser um processo natural, que permitisse ao professor ter a noção dos conteúdos assimilados pelos alunos, bem como saber se as metodologias de ensino adotadas foram produtivas na aprendizagem dos mesmos. O rendimento do aluno reflete o trabalho desenvolvido em classe pelo docente, uma vez que, ao avaliar o aluno ele está também avaliando seu próprio trabalho.

A avaliação faz parte da rotina escolar e é responsabilidade do professor aperfeiçoar suas técnicas avaliativas. Ela tem um sentido amplo e é importante que seja feita de formas diversas, com instrumentos variados, sendo o mais comum, em nossa cultura, a prova escrita. Se, para alguns professores a prova gera ansiedade, podemos imaginar o que ela representa para os alunos. Há situações em que a preocupação do aluno é tentar responder tudo o que o professor quer para obter nota e, se o docente coloca uma questão na prova um pouco diferente daquela do caderno, o aluno não consegue argumentar. Nesses moldes de conhecimento, a prova serve apenas para que o aluno devolva um conhecimento pronto, repetindo o que o foi falado em aula, configurando o que Mizukami (2011, p. 17) classifica como uma avaliação que visa apenas “[...] a exatidão da reprodução do conteúdo comunicado em sala de aula”.

O aluno é elemento ativo nos processos de ensino e de aprendizagem, como é também o professor. Portanto, a relação entre ambos deve ser de constante interação, para que ocorra a

produção do conhecimento. A discussão sobre os instrumentos utilizados pode ser um caminho para a conscientização, ajudando tanto os professores, quanto os alunos a melhor compreender o processo de avaliação.

O presente trabalho é resultado dos estudos e discussões em torno do tema avaliação, ocorridos durante o desenvolvimento da Disciplina de Processos de Avaliação do Programa de Mestrado Acadêmico *Stricto Sensu* em Ensino, promovido pelo Centro Universitário UNIVATES – Lajeado, RS. Estes estudos revelaram a necessidade de ouvir os alunos acerca da avaliação por considerá-los uma das partes diretamente envolvida no processo, que segundo Santos e Pinto (2003, p. 2) “[...] esta voz, habitualmente menos considerada quando se fala de avaliação, é um contributo indispensável para se *reflectir* e compreender a avaliação na sua complexidade”.

1. AVALIAÇÃO MEDIADORA E OS INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO

A avaliação não pode ser somente o momento de realização das provas e testes, mas um processo contínuo e que ocorre habitualmente, visando à correção de erros e encaminhando o aluno para aquisição dos objetivos previstos. Nesse sentido, a forma avaliativa funciona como um elemento de integração e motivação para os processos de ensino e de aprendizagem.

Existem inúmeras técnicas avaliativas como, por exemplo, a prova de consulta, trabalhos e pesquisas, resolução de problemas, entre outras, as quais permitem ao professor avaliar o desempenho dos alunos. Essas técnicas apresentam características que possibilitam o diálogo entre o professor e o aluno buscando encontrar e corrigir possíveis erros, redirecionando para a aprendizagem, e ao mesmo tempo pode motivar a correção e o progresso do educando. Também sugere a ele novas formas de estudo para melhor compreensão dos assuntos abordados dentro da classe, resultando numa ação avaliativa mediadora que segundo Hoffmann (2009, p. 91) “[...] está presente justamente entre uma tarefa do aluno e a tarefa posterior”. Desta forma, a variabilidade de instrumentos avaliativos contribui para uma avaliação mais próxima da realidade e colabora com a obtenção de um maior número de dados sobre a aprendizagem. Com efeito, essa ação mediadora permite ao aluno o alcance de um saber competente, em que:

cada tarefa significa um estágio de sua evolução, do seu desenvolvimento e, portanto não há como somá-las para calcular médias. Elas complementam-se, interpenetram-se. Como material importante para as ações posteriores, exigem o registro sério e detalhado das questões que se observa. Tais dados não podem, nem devem permanecer como informações generalistas ou superficiais a respeito das manifestações dos alunos. O acompanhamento das tarefas exige um registro sério e significativo que não se reduza a número de acertos ou a conceitos amplos. (HOFFMANN, 2009, p. 91-92).

Para Perrenoud (2000), esse acompanhamento pode ser efetivado por meio de uma observação contínua. Mas, para que a observação contribua neste processo de aquisição de conhecimento, não basta conviver com o aluno, é necessário que o professor determine, interprete e memorize momentos significativos que constituem um panorama geral do aluno na realização das suas tarefas.

evidentemente, a observação *contínua* não tem apenas a função de coletar dados com vistas a um balanço. Sua primeira intenção é *formativa*, o que em uma perspectiva pragmática significa que considera tudo o que pode auxiliar o aluno a aprender melhor: suas aquisições, as quais condicionam as tarefas que lhe podem ser propostas, assim como sua maneira de aprender e de raciocinar, sua relação com o saber, suas angústias e bloqueios eventuais diante de certos tipos de tarefas, o que faz sentido para ele e o mobiliza, seus interesses, seus projetos, sua autoimagem, seu ambiente escolar e familiar. (PERENOUD, 2000, p. 48, grifo do autor).

Hoffmann (2008) alerta que a observação não pode ser considerada um instrumento de avaliação, a não ser que se transforme em registro, mas corrobora com Perrenoud (2000) quando classifica como tarefas avaliativas, todas as produções escolares dos alunos que forem propostas pelo professor com a intenção de acompanhar suas aprendizagens, e reforça que é imprescindível a intencionalidade para que a tarefa se torne um instrumento de avaliação. O fundamental é que tanto o professor quanto o aluno, entendam que avaliar não consiste somente em fazer provas e dar notas, mas que se trata de um processo pedagógico contínuo, que ocorre dia após dia, buscando corrigir erros e construir novos conhecimentos.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

O presente trabalho apresenta uma abordagem qualitativa. Segundo Moreira (2011), a pesquisa qualitativa tem algumas denominações e pode ser chamada de naturalista, fenomenológica e interacionista simbólica. Naturalista, porque não há manipulação de variáveis e não tem um tratamento experimental, pois estuda o fenômeno no seu acontecer

natural; fenomenológica, pois evidencia o subjetivo das atitudes humanas, o mundo do sujeito, suas interações e os significados que dá a essas experiências e interações; interacionista simbólica, ao considerar que a experiência humana perpassa pela interpretação, o que não ocorre de forma autônoma, e sim por meio de interações sociais que permitem construir as interpretações, os significados, a visão de realidade do indivíduo.

Conforme Goldenberg (2013, p. 53), “Os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos”. A opção metodológica e o objetivo do estudo levaram a estabelecer a coleta de dados por meio de um questionário. De acordo com Barbosa (2008, p. 1), o questionário “[...] pode ser desenvolvido para medir atitudes, opiniões, comportamentos, circunstâncias da vida dos cidadãos, e outras questões”. O autor destaca que essa é uma técnica cujos pontos fortes, dentre outros, são: a garantia do anonimato; apresenta questões objetivas de fácil pontuação; deixa em aberto o tempo para as pessoas pensarem sobre as respostas.

À vista disso e com a finalidade de obter resposta à pergunta “Quando ouve falar de avaliação, qual a primeira ideia que te vem à cabeça?”, foram entrevistados 64 alunos do 2º Ano dos Cursos Técnicos em Agropecuária, Meio Ambiente e Comércio Integrado ao Ensino Médio do IFMT – *Campus* Juína. O questionário impresso, com essa única pergunta foi distribuído nas aulas da Disciplina de Matemática, nos três cursos. Foram nomeadas turmas A, B e C, sendo 21 alunos da turma A, 30 da turma B e 13 da turma C.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados foram organizados de acordo com os aspectos que emergiram. As respostas dadas pelos alunos ao questionamento indicaram que as práticas avaliativas mexem com os seus sentimentos, em algumas situações se sentem fragilizados, incapazes e acabam assumindo posturas que podem se tornar barreiras no seu desenvolvimento cognitivo. Assim, a análise dos dados possibilitou a criação de seis categorias e quatro subcategorias que se apresentam a seguir.

Categoria 1 – Sentimentos

Esta categoria foi organizada a partir dos relatos relacionados aos mais variados sentimentos que tomam conta do aluno quando ouve falar de avaliação, desde preocupação,

medo, ansiedade, desespero, preguiça, que variam dependendo da disciplina, até a tomada de decisão, que é estudar. Ficando assim dividida em quatro subcategorias: Subcategoria 1.1 – Turbilhão de ideias; Subcategoria 1.2 – Medo e preocupação; Subcategoria 1.3 – Desespero, preguiça e tomada de decisão; Subcategoria 1.4 – Depende da Disciplina.

Subcategoria 1.1 - Turbilhão de ideias

Nessa subcategoria a avaliação desencadeia no aluno certa incapacidade que contribui para a pouca autoestima e também, às vezes, é invadido pelo sentimento de fuga, como segue nos relatos abaixo:

Tantas coisas. Métodos de como faltar na aula, vontade de estar doente para não precisar fazer; medo de a avaliação ter conta e eu não conseguir fazer nada. Desespero por medo de não ser capaz de responder. Vontade de desistir de tudo, de sair da escola, realmente, pânico, às vezes dá tremedeira e por segundos não saber nem o que você está fazendo ali. Medo. Não conseguir. De ter que fazer aquilo várias vezes e acabar no nada. E dependendo da matéria, feliz por saber que vou conseguir que entendi (Aluna1A).

Será que a prova estará fácil? Será que vou conseguir? E se eu não passar como vou recuperar mais tarde? O medo fala mais alto, acho que vou esquecer tudo na hora de fazer a prova. Será que a prova será objetiva ou dissertativa? Será que devo colar? Mas se eu colar e o professor pegar vou ficar marcado pelo resto do ano. Tomara que o professor falte e haja mais tempo para estudar. Acho que a recuperação estará complicada (Aluno 6A).

Vem-me um branco da cor desta folha, penso que tenho de estudar. Se vou ficar de recuperação? Se ficar, se vou conseguir recuperar a minha nota? [...] a vida do aluno se passa diante dos seus olhos, toda a sua vida (Aluno 4A).

Quando vou começar a estudar. Sei que não vou estudar. E depois chorar. Às vezes da vontade de abandonar tudo, aí me lembro de que não tenho nada (Aluno 5A).

Nota-se pelos excertos que a avaliação, para esses alunos, se resume em uma prova, um momento único em que parece não ter escolha e que a atividade é obrigatória. Em vista disso, corroboramos com Hoffmann (2008, p. 14) quando sinaliza: “[...] o processo avaliativo é sempre de caráter singular no que se refere aos estudantes, uma vez que as posturas avaliativas inclusivas ou excludentes afetam seriamente os sujeitos educativos”. Nessas circunstâncias, a avaliação pode ser caracterizada como “[...] um dos pontos nevrálgicos do nosso sistema de ensino, contribuindo para o desenvolvimento de sentimentos aversivos entre sujeito e objeto, gerando dramas pessoais que acabam por afetar a autoestima dos alunos”. (LEITE; KAGER, 2009, p. 128).

Subcategoria 1.2 - Medo e preocupação

Nesta subcategoria o sentimento que domina os alunos é o medo, seguido de preocupação gerando uma sensação de insegurança, assim relatado por eles:

Bom, a primeira ideia que me vem à cabeça é de um pouco de medo, mas logo passa, momentaneamente, mais perto da prova o medo e a tensão retornam ao pensamento. (Aluno 9A).

Em primeiro instante, o meu sentimento é de preocupação com medo de não estar devidamente preparada para fazer uma avaliação. Em seguida analiso o nível do meu conhecimento decidindo assim, se terei que estudar muito. (Aluna 13C).

Ao ouvir um professor falar de avaliação, a primeira ideia que vem à minha cabeça é a de desespero e medo, praticamente em todas as matérias, pois sei que preciso dominar o conteúdo para poder realizar a prova e não ficar abaixo da média. (Aluna 13A).

Receio de como deve estar a prova, se vou passar ou não, se vou me complicar, em outras palavras, “medo”, e além de tudo começar a me preparar para estudar para a prova. (Aluno 11A).

Bom, um desespero repentino, pois apesar de estudar e me esforçar tenho um pouco de dificuldade, ansiedade misturada com medo e preocupação. (Aluna 3B).

Quando ouço essa palavra, a primeira coisa que eu penso é: “e agora”, mas eu sei que a avaliação não é todo esse “monstro” que nós alunos idealizamos, a questão é que desde sempre, quando penso em avaliação, lembro que vou ter que estudar, e eu sempre acho que não vou conseguir me sair bem. (Aluna 22B).

Na maioria das vezes eu fico com um pouco de medo, receio de fazer a prova, fico tensa. (Aluna 2B).

Eu penso que vou ter que revisar o conteúdo estudado para me sair bem na avaliação. E em algumas matérias, eu penso que vai cair muita coisa que o professor nunca passou na aula. (Aluno 5C).

Que tenho que começar a estudar para a disciplina que terá a avaliação. [...] E, de que a prova estará muito difícil ou muito fácil. E em algumas disciplinas eu penso que o professor vai colocar na prova conteúdo que ele nunca deu em sala. (Aluna 8C).

Nos dois últimos relatos os alunos demonstram preocupação em relação ao conteúdo que será cobrado pelo professor, alegando que poderá constar na avaliação, conteúdos que não foram trabalhados em sala. Essa situação pode ser o indicativo da falta de comunicação ou quebra da confiança entre o professor e o aluno, que segundo Leite e Kager (2009, p.130) para este último, a avaliação passa a ser vista “[...] como uma armadilha, criada pelos professores, na medida em que cobram, intencionalmente, na prova, conhecimentos mais complexos, que

não se relacionam com as práticas desenvolvidas em sala de aula”. Nessa conjuntura, o aluno não se sente seguro e nem envolvido positivamente na situação de avaliação, que para ele não tem nenhum componente escolhido por ele e isso “[...] pode provocar o desenvolvimento do sentimento de profunda aversão do sujeito em relação ao objeto de conhecimento em questão” (LEITE; KAGER, 2009, p. 129), caracterizando o medo.

Subcategoria 1.3 - Desespero, preguiça e tomada de decisão.

São variados os sentimentos nesta subcategoria, ao mesmo tempo em que identificam a avaliação como prova também se mostram prontos, frente à decisão de que precisam se programar e estudar, e em alguns casos, se sentem dominados pela preguiça. Segue abaixo, alguns relatos que descrevem essa subcategoria.

A primeira ideia que me vem à cabeça é que eu tenho que estudar, porque se eu não estudar eu posso tirar uma nota ruim. Mas por outro lado fico um pouco nervosa em pensar que eu tenho que estudar, mas eu penso que se trata do meu futuro e que eu devo ser aplicada ao máximo. AVALIAÇÃO: sempre da um pouco de medo. (Aluna 15B).

Quando falam de avaliação, a primeira coisa que vem na minha cabeça é desespero, e logo adiante já vem que preciso estudar. (Aluno 14A).

Primeiramente me dá um gelo, depois já vou pensando em estudar o que já foi visto até aquele momento, tiro minhas dúvidas muitas vezes com meus colegas e vou revisando o conteúdo até o dia da prova. (Aluna 6B).

Quanto tempo tenho para começar a estudar. (Aluna 3C).

Prova, tem que estudar mais para superar as dificuldades e ir bem na avaliação. (Aluno 14B).

Prova, e que tenho que estudar. Mas há certas matérias que não estudo muito, e há certas provas que estudo pra caramba. E isto também é uma forma de saber o quanto você aprendeu em sala de aula. (Aluno 13B).

Que eu tenho que passar a semana e o final de semana estudando e entender o que talvez eu não entendi na sala, para tirar uma boa nota. (Aluna 7B).

A primeira coisa que vem na minha cabeça é que dentre todas as atividades realizadas no decorrer do bimestre é que, infelizmente, vou ter que assistir menos televisão e estudar mais. E, ao mesmo tempo, medo de que eu não consiga obter a nota esperada e preguiça de ter que trocar lazer por estudar para essa avaliação. (Aluna 30B).

Quando eu ouço falar em avaliação a primeira coisa que me vem a cabeça é: “Nossa, prova! Preciso estudar.” Mas, na mesma hora me bate uma preguiça, um desânimo, uma preocupação. (Aluno 10B).

Quando eu ouço falar de avaliação, a primeira coisa que vem a minha cabeça é que tenho que estudar, e sem ter preguiça, que é uma coisa que eu não demonstro, claro que quando tem várias avaliações marcadas no mesmo dia, a minha cabeça fica muito agitada. (Aluno 11B).

Bom, a primeira ideia é que tenho que estudar para a prova. Já penso em revisar o conteúdo daquela matéria e penso no dia que vou estudar. (Aluno 16B).

A relação que alguns alunos fazem entre a avaliação e a necessidade de estudar levanta o questionamento do quanto à nota é valorizada pelos alunos em detrimento ao saber. Nessa condição, Santos e Pinto (2003, p. 32) ponderam: “Até que ponto não há uma inversão de valores, isto é, não é a avaliação que está subordinada à lógica do aprender, mas o contrário, aprende-se ou pelo menos estuda-se, por causa da avaliação”. Para as autoras a avaliação é uma motivação externa para aprender que “[...] ocorre em momentos precisos, determinados pelos momentos formais de avaliação, e não como algo que está intimamente relacionado com os processos de aprendizagem”. (SANTOS; PINTO, 2003, p. 32).

Subcategoria 1.4 - Depende da Disciplina

Esta subcategoria indica que o aluno pode ter uma reação positiva ou negativa, depende do quanto ele se sente preparado para a avaliação e também depende da disciplina que será avaliada. Dessa forma, o aluno manifesta sentimentos opostos.

Um sentimento de desconforto, de desânimo ou alegria, felicidade. Quando é uma matéria que você não vai bem e você já sabe disso, dá certo medo, mas quando é uma matéria legal e o professor é bom não tenho nenhum receio sobre a matéria (Aluno 1B).

Dependendo da disciplina, eu tenho medo, mas quando eu tenho certo domínio da disciplina fico mais relaxada, mas sei que tenho que estudar nas duas reações, com medo ou sem medo, mas às vezes tem três provas no mesmo dia, isso me deixa nervosa. No começo do meu curso fiquei com medo em todas as provas, pois já tinha uma ideia sobre o campus, e amigos que já estudavam aqui também me apavoraram um pouco, mas agora já consegui entrar no ritmo (Aluna 16A).

Depende em qual sentido, tem vários jeitos de avaliar. Se for uma prova me sinto normal se eu souber o conteúdo, na hora até gosto, é legal, o coração acelera a mil, dá uma sensação boa saber que eu vou tirar uma boa nota. Mas quando eu não sei nada do conteúdo, na hora em que eu pego a prova dá vontade até de morrer (Aluna 23B).

Depende de como eu estou preparado, se eu estudei para a prova fico confiante e acreditando em uma nota positiva. Se não estudei, vem aquele sentimento de medo e de que minha nota vai ser a pior de todas. O mais engraçado é que às vezes não estudo e me saio bem (Aluno 8A).

Primeiramente, sinto uma enorme preocupação em relação a todas as matérias. Tipo me pergunto: Será que estou preparado pra avaliação? É uma mistura de adrenalina com preocupação, ansiedade com muita fé que tudo irá dar certo (Aluno 10A).

Embora a maioria dos professores utilize a palavra “avaliação” no lugar de “prova”, com o objetivo de não dar tanto impacto aos alunos, para mim não resolve muito, a primeira ideia que vem a minha cabeça é: “Meu Deus! Será que vou conseguir?” Uma sensação de insegurança e ao mesmo tempo de esperança. Mas como a vida é uma caixinha de surpresas nem sempre o resultado é dos melhores, não é só por isso que devemos desanimar, o melhor remédio é “ser feliz” (Aluna 1C).

Os alunos demonstram segurança em algumas situações e o inverso em outras, dependendo da disciplina e também da postura do professor, mas na maioria dos relatos assumem a responsabilidade em relação ao resultado da avaliação. A esse respeito, Hoffmann (2008, p. 37) destaca que “Quando professores dialogam continuamente com os alunos a respeito do fazer pedagógico, de suas tarefas e atitudes, desfaz-se o mistério e o temor que ronda o processo avaliativo, cria-se a empatia, reconhece-se a pluralidade de ideias, valorizam-se as individualidades”.

Categoria 2 - Preocupação com a recuperação

Essa categoria se refere ao temor que o aluno tem da recuperação, justificado pelo fato de se tratar de uma avaliação acumulativa ou se sentirem menos capazes, porque, de certa forma, só faz recuperação o aluno que não alcançou o rendimento mínimo esperado, o que se verifica nos cinco relatos abaixo:

Primeiramente, certa preocupação com a possível “nota ruim” ou a temida “recuperação” caso isso aconteça. Ter que se organizar para realizar os exercícios e ainda se preparar para a “temida” avaliação é um pouco difícil, mesmo sabendo que é preciso. Por essa razão quando se fala de AVALIAÇÃO, bate certo medo, receio de não conseguir e também ter que pensar uma forma de se organizar para estudar. (Aluna 6C).

[...] Se vou ficar para recuperação? Se ficar, se vou conseguir recuperar a minha nota? [...]. (Aluno 4A).

Depende da matéria, mas a primeira ideia é que eu estou perdida, e que eu tenho que achar um tempo para estudar. Tem umas que eu já penso logo na recuperação. No geral eu fico com medo. (Aluna 12 A).

Vem simplesmente preocupação, mas não sempre, depende da minha aprendizagem quanto à matéria. [...] O medo da recuperação (por ser o conteúdo inteiro). Mas envolve também o medo da turma zoar. [...] (Aluna 2A).

Que tenho que começar a estudar para a disciplina que terá a avaliação. E, de que tenho que começar a acordar 03h00 para estudar e tirar uma boa nota para não ficar para recuperação e passar com nota sobrando. E, de que a prova estará muito difícil ou muito fácil. [...]. (Aluna 8C).

Os alunos associam a necessidade de estudar com a nota, e esta com a sua capacidade, como Santos e Pinto (2003, p. 15) afirmam: “[...] a nota é reveladora não do trabalho

desenvolvido, mas antes das suas capacidades, normalmente entendidas, numa cultura escolar, como características intrínsecas ao sujeito”. Neste sentido, Hoffmann (2008) argumenta que, geralmente, os alunos temem a recuperação quando esta é feita de forma tradicional, em que o professor propõe uma tarefa e atribui uma nota classificatória baseada naquele momento, não levando em conta a evolução dos seus entendimentos. A autora especifica: “se a média anterior foi 6, soma-se à nota 9 da recuperação e atribui-se nota 7,5. É um contrassenso e um retrocesso no sentido literal do termo em termos de acompanhamento do processo de aprendizagem”. (HOFFMANN, 2008, p. 59-60).

Categoria 3 - Dificuldade em calcular

Ao abordarmos os alunos, explicamos que o questionamento a respeito de avaliação não estava relacionado a uma disciplina específica. Mas, consideramos pertinente a demonstração da dificuldade em calcular.

Dificuldade seria a primeira que viria a minha cabeça, avaliação é uma prova do que você aprendeu. Na minha situação durante as aulas, eu presto atenção nas explicações e tento fazer as atividades, eu entendo, mas quando chega na avaliação, parece que tudo o que eu aprendi sumiu, acabo não conseguindo desenvolver. Diria dificuldade, porque não sou boa em contas de dividir e nem de multiplicar, por isso às vezes acaba me prejudicando (Aluna 4B).

Preocupação, pois eu tenho dificuldade em exatas, eu compreendo a explicação, mas na hora de resolver sozinha... (Aluna 15A).

Nesta categoria os alunos demonstram a dificuldade em calcular, fato que não deveria ser corriqueiro, mas acaba sendo. Na maioria das vezes, isso ocorre em função de metodologias equivocadas que padronizam os alunos e que não conseguem “[...] ser ótimas para todos, porque eles não têm o mesmo nível de desenvolvimento, os mesmos conhecimentos prévios, a mesma relação com o saber, os mesmos interesses, os mesmos recursos e maneiras de aprender”. (PERRRENOUD, 2000, p.55).

Categoria 4 - Cobrança dos pais

Nesta categoria os alunos expõem a preocupação em agradar os pais, que esperam deles, um resultado positivo.

Vem simplesmente preocupação, mas não sempre, depende da minha aprendizagem quanto à matéria. A preocupação maior é agradar a minha mãe. [...] Certas avaliações me deixam

preocupada, pois minha dificuldade é cálculo, portanto quando um professor marca avaliação de cálculo eu penso: “Sem festa, sem diversão, sem nada, só estudar agora”. (Aluna 2A).

Que eu tenho que ir bem, pois é o que o meu pai espera de mim, e quando ele não recebe o que espera ele fica bem mal. (Aluno 1A).

Em relação à cobrança dos pais, Perrenoud (2000, p.117) alerta que é “[...] preciso envolver os pais na construção dos saberes”, não significa “[...] convidá-los a desempenharem seu papel no controle do trabalho escolar e a manter nas crianças uma ‘motivação’ para levar a escola a sério e para aprender”. Nem tampouco os pais acharem que, para o aluno “[...] adquirir conhecimentos, é preciso sofrer, trabalhar duro, aprender de cor, repetir palavras e seu manual, em suma, aliar esforço e memória, atenção e disciplina, submissão e precisão” (Ibidem). O autor reforça que cabe ao professor expor aos pais sua pedagogia, por meio de uma equipe pedagógica, estabelecendo um diálogo mais substancial, “[...] a *coerência* e a *continuidade* das pedagogias tranquilizam os pais. Eles podem, a rigor, assim como seus filhos, *adaptar-se* a métodos que mudam a cada ano”. (PERRENOUD, 2000, p. 120, grifos do autor).

Categoria 5 - Esquecimento e Distração

Os alunos, desta categoria, relatam que tem consciência da necessidade de estudar, alegam que até anotam a data, mas acabam se distraindo e esquecendo a avaliação. Este comportamento retrata alunos que são de certa forma, “desligados”, e que passam a ideia, às vezes equivocada, de descomprometidos.

A primeira ideia que vem á cabeça é que eu devo estudar, porque preciso de nota para passar, mas muitas vezes não estudo por acabar esquecendo a data da avaliação. (Aluna 8B).

A primeira ideia que vem a cabeça é me preparar para a prova e tirar boas notas, mas tenho um problema de esquecimento, ou seja, uma hora depois eu já estou com os amigos, distraído, e esqueço a prova, acabo lembrando muito perto da data sem ter tempo para estudar, ou então nem lembro. (Aluno 25B).

Que eu posso não tirar uma nota boa, devido aos meus momentos de distração na aula. (Aluna 26B).

Eu penso em anotar o dia da avaliação na agenda para não me esquecer. Preocupo-me em não esquecer de estudar bem para a prova. Fico pensando se o professor vai pegar leve. (Aluna 2C).

Penso mais ou menos o que sei á respeito do assunto da matéria, depois em quanto preciso tirar para ficar com a média boa e só depois em estudar, já que às vezes não acho necessário fazer nada e às vezes me desespero. (Aluna 21A).

Percebemos, pelos depoimentos destes alunos, a desmotivação dos mesmos. Todo professor espera alunos que demonstrem o desejo de saber, que tenham vontade de aprender e que se envolvam no trabalho. “A motivação ainda é tida, com demasiada frequência, como uma preliminar, cuja força não depende do professor” (PERRENOUD, 2000, p. 67). De onde viria a motivação? Da personalidade, da influência do ambiente familiar, do exemplo dos colegas? Motivar o aluno é responsabilidade do professor? Segundo o autor anteriormente citado, o desejo e a vontade de aprender “[...] pouco a pouco se inscreveu no ofício de professor, muitas vezes por não ter outra alternativa do que por vontade de despertar vocações”. E o autor continua “A voga do ‘projeto pessoal do aluno’ não deve iludir: os professores sabem bem que muitos alunos quase não tem projeto e que é difícil propor-lhes um”. (PERRENOUD, 2000, p. 67).

Categoria 6 - Verificação da aprendizagem

Os relatos dessa categoria se apresentam na forma de definição, em que os alunos expressam, formalmente, que a avaliação é feita por meio de provas e testes para a verificação do que foi aprendido a respeito de um determinado conteúdo. Em alguns relatos passam a ideia de que avaliação é unicamente prova escrita, e em outros é possível perceber que conseguem lidar de forma tranquila com a situação avaliativa.

A primeira ideia que me vem a cabeça é que a avaliação vai testar meus conhecimentos sobre o assunto estudado em sala de aula, e que devo estudar para que eu consiga uma boa nota. (Aluna 29B).

Avaliação, no meu ponto de vista, é uma forma de testar os conhecimentos adquiridos pelo aluno durante o desenvolvimento das aulas aplicadas em sala. Quando se fala em avaliação, a primeira ideia que surge em minha mente, é realmente a de expressar através desse documento o que se aprendeu com o professor, é uma maneira de expor a capacidade de cada aluno e o seu interesse pela disciplina. Através de uma avaliação o professor pode observar a dificuldade que cada aluno possui, e, ajuda-lo da melhor maneira possível. (Aluna 18A).

Uma prova individual escrita e sem consulta, a respeito do conteúdo mensal ou bimestral, valendo ponto. (Aluna 20A).

Um teste que pode ser tanto físico ou mental, para testar sua eficiência e inteligência, que você obteve durante certo tempo de trabalho ou de estudo, testa sua capacidade para ver se você está preparado para algo específico ou geral. (Aluno 20B).

Que será avaliado o aprendizado de um aluno, através de questões sobre um determinado conteúdo. (Aluno 18B).

Primeiramente, vem a ideia de se preparar, de estudar, [...], ou seja, colocar os conhecimentos obtidos em prática, para que durante a avaliação eu possa conseguir concluir todas as atividades propostas. (Aluna 10C).

Para falar bem a verdade, eu gosto. Não vejo obstáculo algum em uma avaliação, mas sim benefícios, pois é algo que vai me ajudar testar todo o meu esforço em sala e também fora dela. O único problema é que não consigo organizar bem meus horários, o que acaba fazendo com que eu estude até tarde. E por fim, minha confiança me faz ir bem. (Aluna 17B).

A partir dos relatos dos alunos é possível verificar que dentre as decisões pedagógicas assumidas pelos docentes no planejamento do ensino, a avaliação merece uma atenção especial, pois: “O sentido desse processo é o da tomada de consciência do aluno sobre seu processo de aprendizagem, de se perceber aprendendo e de querer aprender mais” (HOFFMANN, 2008, p. 36). O ato de avaliar, neste sentido, precisa indicar decisões visando aprimorar a apropriação do conhecimento, e por meio dos resultados possibilitarem ao professor rever e alterar as condições de ensino. A avaliação pode ser planejada e desenvolvida, não só no sentido de buscar o avanço cognitivo do aluno, mas propiciar condições afetivas que permitam estabelecer uma ligação positiva entre os alunos e os conteúdos escolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificamos em vários relatos o temor dos alunos em relação a avaliação e que a maioria associa avaliação à prova, que continua sendo o instrumento de maior peso. Percebemos que os professores não podem usar apenas essa avaliação formal, porque certamente ela não refletirá o real desenvolvimento do aluno. Notamos que numa avaliação mediadora, o professor pode avaliar a evolução de seus alunos por meio de observações contínuas da participação nas aulas e do envolvimento nas atividades propostas, mantendo os registros de suas observações, para incorporá-las aos dados obtidos por outros instrumentos de avaliação.

As respostas dadas pelos alunos ao questionamento explicitam que as práticas de avaliação mexem com os seus sentimentos, em algumas situações se sentem fragilizados e incapazes, acabam por assumir posturas que podem se tornar barreiras no seu desenvolvimento cognitivo. O processo de avaliação quando mal conduzido pode ser nocivo

na relação que se estabelece entre os alunos e os objetos de conhecimento em questão, podendo afetar a qualidade da vida escolar dos discentes.

Sabemos que não existe uma fórmula pronta para que o professor realize uma boa avaliação, mas os instrumentos precisam ser diversificados, sucessivos, participativos, relevantes e significativos, sendo construídos de modo que se possa compreender como a construção do conhecimento está ocorrendo em seus alunos. Finalizamos corroborando com Leite e Kager (2009, p. 132) quando afirmam: “[...] as práticas de avaliação envolvem, sensivelmente, a dimensão afetiva, não restringindo apenas aos aspectos cognitivos [...] devem ser planejadas e desenvolvidas como um instrumento sempre a favor do aluno e do seu processo de apropriação do conhecimento”.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, E. F. *Ser professor universitário: instrumentos de coleta de dados em pesquisas educacionais*, 2008. Disponível em: <www.inf.ufsc.br/~verav/Ensino_2013_2/Instrumento_coleta_Dados_Pesquisas_Educacionais.pdf> Acesso em: 20 de set. 2015.
- GOLDENBERG, M. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. 13. ed. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2013.
- HOFFMANN, J. *Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade*. 30. ed. Porto Alegre, RS: Mediação, 2009.
- _____. *O jogo do contrário em avaliação*. 4. ed. Porto Alegre, RS: Mediação, 2008.
- LEITE, A. S.; KAGER, S. Efeitos aversivos das práticas de avaliação da aprendizagem escolar. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v.17, n. 62, p. 109-134, jan/mar.2009.
- MIZUKAMI, M. G. N. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo, SP: E.P.U., 2011.
- MOREIRA, M. A. *Metodologia de pesquisa em ensino*. São Paulo, SP: Editora Livraria de Física, 2011.
- PERRENOUD, P. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre, RS: Artmed, 2000.
- SANTOS, L.; PINTO, J. O que pensam os alunos sobre avaliação? *Educação e Matemática*, nº 74, setembro/outubro de 2003.